

INTRODUÇÃO

1. A **Grammatica** tem intima relação com a *Glottologia* e com a *Philologia*, e todas com a *Linguagem*. Convem preliminarmente determinar essas relações, estudando, em succinto esboço, a natureza da Linguagem, o dominio e a historia da Glottologia e da Philologia.

CAPITULO I

L I N G U A G E M

2. **Linguagem** (*lingua + agem*) é o conjuncto dos signaes de que intencionalmente nos servimos para a communição de nossas idéas e pensamentos. A linguagem propriamente dicta é, no sentir de Whitney e outros glottologos, exclusiva do homem, é o seu apanagio, a sua faculdade entre todos os animaes. E' apenas por uma extensão analogica que se falla na *linguagem dos animaes, das flores, etc.*

3. E como a linguagem é um conjuncto de signaes, dá-se-lhe o nome de *semica* (gr. *sêma* = *signal*).

4. A linguagem ou semica classifica-se, quanto á natureza dos signaes, em — *glottica, graphica e mimica*.

5. **GLOTTICA** (gr. *glotta* = *lingua*), é a linguagem articulada, cujos elementos são as palavras falladas, compostas de *phonemas*, "de movimentos acusticos de expressão".

6. **GRAPHICA** (gr. *graphô* = *escrevo*), é a linguagem escripta, desenhada ou gravada no papel, madeira, pedra ou metal.

7. Antes de se inventar o *alphabeto phonetico*, era a escriptura ou escripta dos povos antigos *symbolica*, onde a idéa era tropologicamente representada por um *symbolo* apropriado em vez de ser expressada pela palavra. Taes eram os *hieroglyphos* do antigo Egypto e os *caractères cuneiformes* de Babylonia.

8. MIMICA (gr. *mimos* = *farça, representação*) é a linguagem de acção, gesticulada, produzida por movimentos expressivos do corpo, por expansão ou contracção dos musculos da face, “movimentos opticos de expressão”. É a linguagem dos surdos-mudos, e um subsidio poderoso da *glottica*. Sem a *mimica* a *linguagem fallada* perderia em força e vigor, e a palavra seria apenas o pallido reflexo do pensamento.

9. Convem não confundir *linguagem* e *lingua*, se bem que se empregue frequentemente uma pela outra. Não obstante a sua synonymia, esta se discrimina daquella como a especie do genero.

10. *Linguagem* é termo muitas vezes empregado em sentido abstracto, como faculdade de expressão racional, e outras em sentido concreto, como systema de signaes conscientes, de que se serve o homem para exprimir suas idéas e sentimentos.

11. *Lingua* é “todo systema natural de *palavras* de que se servem grupos de homens para communicarem entre si seus pensamentos. Abrange este systema quatro ordens de factos: a pronuncia, o lexico, as fórmãs grammaticaes, as construcções syntacticas”, (Darmesteter).

A *lingua* é, pois, a expressão correcta e especifica do pensamento, as fórmãs concretas da linguagem.

12. Entre essas fórmãs concretas e historicas da linguagem, notam-se trez categorias — *linguas vivas, mortas e extinctas*.

13. *Lingua viva* é a que ainda hoje serve de organ de communicacão entre os individuos de uma nação ou tribu, como — o *portuguez*, o *inglez*, o *guarani*, etc.

14. *Lingua morta* é a que não é mais fallada por povo ou tribu alguma, e que apenas sobrevive em documentos escriptos, como o *latim*, o *hebraico*, o *sânskrito*, etc.

15. *Lingua extincta* é a que se extinguiu sem deixar de si memoria documental, como o *proto-aryco*, o *etrusco*, o *celta*, etc.

CAPITULO II

GLOTTOLOGIA

16. Discute-se ainda o nome desta nova sciencia. Chamam-lhe alguns — *sciencia da linguagem*, outros *linguistica*, *philologia comparada*, *glossologia* e *glottologia*. Com Max-Müller damos preferencia a esta ultima designação.

17. **Glottologia** (gr. *glôtta* ou *glossa* = *lingua*) é a sciencia que tem por objecto a origem, desenvolvimento e classificacão da linguagem, quer considerada em abstracto, quer em concreto.

I. ORIGEM DA LINGUAGEM.

18. Na pesquisa da origem da linguagem, dois periodos se devem extremar: — o *periodo historico* e o *periodo pre-historico*.

1.º *Periodo historico*.

E' o periodo documentar das linguas, em que o glottologo pôde estudar o desenvolvimento destas nos documentos escriptos, nos archivos do passado, escapos á acção destruidora do tempo. Este periodo historico estende-se naturalmente até os mais antigos documentos das linguas antigas, exhumados das ruinas de Babylonia e dos monumentos egypciacos.

2.º *Periodo pre-historico.*

Este periodo recua do ponto onde cessam os documentos escriptos até a origem do homem. É um periodo indeterminado, no qual falleceu á Glottologia dados para investigações scientificas, não só quanto ao desenvolvimento, mas tambem quanto á origem da linguagem.

Sobre elle escreve Whitney: "Já havemos dicto que não está ao alcance do linguista formar uma conjectura plausivel em relação ao tempo em que apparecem os primeiros germes da linguagem, e em relação á duração dos periodos consagrados a seu desenvolvimento".

De facto, não só fallece aos glottologos o *criterium* para assignalar o ponto inicial da linguagem, mas ainda para conhecer a natureza desses germes primitivos.

Mais á philosophia que á glottologia, como observa A. Dauzat, pertencem taes indagações.

19. CONJECTURAS SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM. — Para alguns a linguagem tem origem interjectiva — a *interjeição*, expressão instinctiva de subitaneas paixões, é a manifestação primitiva da linguagem. O primeiro grito de dôr ou rugido de colera do homem primitivo, repetido pelos companheiros de tribu, é, — imagina Whitney — o embryão inicial do dom. admiravel, que caracteriza o homem.

Para Herder tem a linguagem origem onomatopaica: a *onomatopéa* ou a imitação dos gritos dos animaes e dos ruidos da natureza, fornece os primeiros elementos da linguagem.

São todas hypotheses, mais ou menos imaginosas, que estão longe de fornecer solução ao importante problema da origem primitiva da linguagem humana. Deante da difficuldade de explicar-se esse início mysterioso, vedado por ora ás pesquisas da sciencia, acreditam Bunsen e Max Müller na necessidade da intervenção divina para a aquisição inicial da linguagem; negam-na outros, e entre estes Renan, que, no entanto, acaba por dizer que "a linguagem surgiu sob a viva impressão da Divindade", devendo ser ella considerada divina e humana.

A Biblia, narrando a creação do homem, deixa aberto o

campo das investigações glotticas, quanto ao modo da aquisição da linguagem; apresenta, todavia, Adão, o primeiro homem, já senhor della, dando nome aos animaes e entoando um hymno de admiração ao contemplar pela primeira vez a bella companheira extrahida de seu lado. Gen. II. 19, 20, 23.

20. LOCAÇÃO DA FACULDADE DA LINGUAGEM. A localização da faculdade da linguagem na terceira circumvolução frontal do hemispherio esquerdo do cerebro, preconizada por Hovelacque, é mera hypothese do physiologista Broca, "que está longe de ser demonstrada scientificamente", como affirma o illustre professor da Universidade de Palermo, Giacomo di Gregorio, em seu "Manual da Linguagem".

II. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.

21. Quanto ao desenvolvimento ou evolução da linguagem, parte importante da Glottologia, o seu estudo é o objecto da grammatica comparada, de que fallaremos mais adiante.

Aqui diremos apenas que o aspecto estructural, que apresentam as linguas, levou muitos glottologos, como Max Müller e Adolpho Coelho, a crerem que a linguagem tem passado, no curso de sua evolução historica, por trez phases ou periodos successivos: o *embryonario*, o *synthetico* e o *analytico*.

1.º O periodo *embryonario* ou *pathognomnico* é aquelle em que a expressão dos sentimentos assume a fórma elemental de vozes interjectivas, de *monosyllabos*, que se vão pouco a pouco elevando á expressão de idéa, e constituindo as *raizes*, elementos primordiales das linguas.

2.º O periodo *synthetico* é aquelle em que as raizes se agglutinam para a construcção de systema morphologicos, mais ou menos complexos, taes como os que vemos reflectir no sânskrito, no grego e no latim.

3.º O periodo *analytico* ou da decadencia morphologica é aquelle em que as expressões *syntheticas* do periodo an-

terior, taes como — *vita corporis, amari*, se resolvem nas *analyticas* — *a vida do corpo, ser amado*.

Esta hypothese de triplice estadio na marcha evolutiva da estrutura glottica, sustentada por Curtius, Max Müller e A. Coelho, é fortemente contestada por Pott, Renan e Sayce.

III. CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAS.

22. Quanto á classificação, a Glottologia distribue as linguas em *grupos* ou *familias*, de accordo com o principio de classificação adoptado.

Quatro são as principaes classificações adoptadas: a *geographica*, a *ethnologica*, a *morphologica* e a *genealogica*.

1.^a A classificação *geographica* agrupa as linguas pelas regiões do globo, em que são falladas: as linguas da Europa, da Asia, da Africa, da America e da Oceania. Deante das migrações e entrelaçamento dos povos, tal classificação não tem valor scientifico.

2.^a A classificação *ethnologica* as distribue pelas raças, que as fallam. Desde que actualmente as linguas não coincidem com as raças, tal classificação não leva vantagem á anterior.

3.^a A classificação *morphologica* reune-as pela estrutura de seus vocabulos. Tem esta classificação uma base mais estavel e racional. São trez os grupos morphologicos, que correspondem á triplice phase evolutiva, de que ha pouco tractámos: o *monosyllabico*, o *agglutinante* e o *flexivo*.

a) O primeiro grupo formado pelas linguas chamadas *monosyllabicas*, *isolantes* ou *radicaes*, em que as palavras são monosyllabos isolados, denominados *raizes*, que muitos glottologos suppõem serem o ponto de partida de todas as linguas, como acima dissemos.

b) O segundo grupo é constituido pelas linguas chamadas *agglutinantes* ou *agglutinativas*, em que as raizes se

agglutinam para formar a palavra, guardando, entretanto, sua integridade syllabica.

Distinguem-se neste grupo, como ramificação especial, as linguas americanas, onde a incorporação se estende á phrase, reunindo "em uma só palavra o sujeito, o objecto e todas as outras possiveis determinações da idéa". Chamam-se as linguas desta *extensão* agglutinativa — *poly-syntheticas, olophrasticas* ou *incorporantes*. Exemplo dessa tendencia incorporativa das linguas deste grupo, encontramos no portuguez, quando o objecto pronominal se incorpora ao verbo, por ex.: *amallo* (*amal-lo, amá-lo*). Abre excepção, segundo C. T. Hartt, ao polysynthetismo americano o *tupi-guarani*.

c) O terceiro grupo é constituido pelas linguas chamadas *flexivas, organicas* ou *amalgamantes*, em que os elementos agglutinados se flexionam ou se modificam para exprimirem os accidentes da idéa.

Desta classificação *morphologica* damos o seguinte schema:

LINGUAS	{	monosyllabicas, isolantes ou radicaes	{	chinez annamita siamez ibetano
		agglutinantes ou agglutinativas	{	hottentote-boximane malaio-polynesico uralo-altaico
		flexivas	{	indo-europeu semitico

4.^a A classificação *genealogica* agrupa as linguas em *familias* pelas relações de parentesco, em virtude de se derivarem de um tronco commum. Nesta classificação existe uma base estavel e scientifica. De accordo com ella, admite a generalidade dos glottologos as oito *familias* abaixo especificadas:

- | | |
|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Indo-européa 2. Semítica 3. Khamítica 4. Cafre ou bantu | <ol style="list-style-type: none"> 5. Uralo-altaica 6. Malaio-polynesica 7. Dravidica 8. Indo-chineza. |
|---|--|

Destes oito typos da linguagem humana, que encerram, segundo se presume, todas as linguas falladas pela familia humana, sobresaê o grupo *indo-europeu*, tambem denominado *indo-germanico* ou *aryco*, que mais de perto nos interessa e mais estudado tem sido.

Este grupo das linguas aryanas offerece o aspecto de uma arvore gigantesca, cujos galhos extremos tocam na India e na Europa occidental. Ella se desdobra por isso em dois grandes ramos — o *asiatico* e o *europêu*.

a) O *asiatico* comprehende dois *sub-ramos*:

1) O *indico*, que incluye: o *antigo indico* ou *sânskrito* (*vedico*, *epico* e *classico* sendo este chamado *sânskrito* em sentido restricto), o *indico medio* ou *prâkrito*, e o *neo-indico*, que comprehende cerca de nove linguas e numerosos dialectos;

2) o *iranico* ou *persico*.

b) O *europêu*, que abrange seis *sub-ramos*: o *italico*, o *hellenico*, o *celtico*, o *germanico*, o *slavo* e o *lettico*.

O sub-ramo *italico* proliferou em sete linguas denominadas *linguas romanicas*, *neo-latinas*, *novo-latinas* ou *novi-latinas*, que, segundo Mayer Lübke, são: *italiano*, *francez*, *provençal* (antigo), *hespanhol*, *portuguez*, *rumeno* e *rhetico*.

As áreas geographicas por ellas occupadas na Europa são: a) Ao sul, na peninsula Italica, o *italiano*; b) ao sudeste, na peninsula Iberica, o *hespanhol* e o *portuguez*; ao occidente, na França, o *francez* e o *provençal*; c) no centro, no cantão dos Grisões na Suissa, nas montanhas do Tyrol e no Frioul, fronteiras da Austria, o *rhetico* ou *rhetoromano* (451.000 h., ap. Bourciez); d) ao oriente, entre a Russia, Turquia e Bulgaria, na Rumânia, o *rumeno* (9.500.000 h., ib.). Cumpre advertir que as quatro linguas principaes desta familia latina (*italiano*, *hespanhol*, *portuguez* e *francez*) teem largamente augmentado a área linguistica pela emigração e colonização. Damos em seguida o eschema da arvore aryanas.

INDO-EUROPEU	asiatico	{	1 indico	{	portuguez
			2 iranico		hespanhol
	europeu	{	3 italico	{	francez
			4 hellenico		provençal
			5 celtico		italiano
			6 germanico		rumeno
			7 slavo		rhetico
			8 lettico		

23. **Problemas.** Dois problemas, além de outros, aguardam ainda solução dos glottólogos: um diz respeito á *origem* primordial das linguas, e outro á *natureza* da nova sciencia linguistica.

a) Quanto á *origem*, sustentam alguns o *monogenismo* linguistico, isto é, que todas as linguas se originaram de uma lingua-mãe primitiva, como a familia indo-européa se originou do *proto-aryco*. O *monogenismo* das familias linguisticas coincide com o monogenismo da familia humana, oriunda de um só par, segundo a Biblia. A linguistica do sec. XVII e XVIII occupou-se largamente em determinar a lingua primitiva, opinando, em geral, pelo *hebraico*, lingua sagrada do V. T. Reagiu o genio de Leibnitz contra taes indagações, proclamando a necessidade do methodo inductivo no estudo scientifico das linguas. — Outros, com Hovelacque, sustentam o *polygenismo* linguistico, que deve coincidir com o polygenismo das raças humanas, apregoado por alguns anthropologos.

Whitney e outros mostram claramente que o problema está ainda aberto ás investigações da sciencia. Em 1905, Alfredo Trombetti, prof. ordinario da Universidade de Bolonha, Italia, publicou uma obra intitulada — *L'unità d'origine del Linguaggio*, em que julga ter resolvido o problema no sentido do monogenismo, donde conclue: *Tutti gli uomini appartengono ad una specie e sono realmente fratelli*.

b) Quanto á *natureza* da Glottologia, ensinam uns, com Schleicher, Max Müller, Hovelacque, que é ella uma sciencia *natural*; ao passo que outros, com Whitney, Steintal e A. Coelho affirmam que é uma sciencia *historica*. A

controversia mostra que a Glottologia offerece á analyse elementos que se prendem ora a um, ora a outro desses dois dominios.

CAPITULO III

PHILOLOGIA

24. **Philologia** (gr. *philos* = amante, *logos* + *ia* = discurso, palavra) é a sciencia que tem por objecto o estudo critico da literatura de um povo, ou da literatura de uma época, e da lingua que lhes serviu de instrumento. Dahi dois aspectos principaes da Philologia — o *literario* e o *linguistico*.

25. O fim desta sciencia é a analyse e a synthese dos documentos literarios, que ella estuda systematicamente em todos os seus aspectos. O estudo da respectiva lingua, se bem que de visceral importancia para a critica dos documentos literarios, não é o fim da sciencia, mas apenas o meio indispensavel. Além desse meio, recorre a Philologia a outras sciencias subsidiarias, taes como a *historia*, a *archeologia*, a *ethnologia*, a *mythologia*, etc.

26. Quando a Philologia tem por objecto o estudo comparativo das literaturas de dois ou mais povos, chama-se *Philologia comparada*, como, por ex., o estudo comparativo das literaturas classicas do grego e do latim, das literaturas germanicas, romanicas ou neo-latinas.

27. O estudo practico, mais largo e profundo, dos idiomas antigos e modernos, já provocado por Leibnitz, e modernamente desenvolvido, fez com que a Glottologia se desaggregasse da Philologia, especializando-se em sciencia propria, no primeiro quartel do seculo passado.

28. COMO A GLOTTOLOGIA SE SEPAROU DA PHILOLOGIA.

Damos em seguida rapido esboço historico do facto declarado no paragrapho antecedente. Vasco da Gama, o heroe dos Lusíadas, navegante portuguez, abriu, ao findar

do sec. XV, o desejado caminho das Indias, e patenteou ao commercio europeu as riquezas do Oriente.

Já em 1585, Filippo Sassetti, nobre mercador florentino, havia notado, em uma carta datada de 17 de janeiro desse mesmo anno, semelhanças entre nomes da lingua italiana e certos nomes da lingua fallada na India. No começo do seculo seguinte, um outro italiano, Roberto de Nobili da Montepuciano, missionario jesuita, estudou profundamente a litteratura e a lingua sagrada da India, o sânskrito (lingua sâbia), lingua admiravel pela sua estructura regular, idioma dos livros sagrados, os Vedas, "da poesia lyrico-religiosa, da epopéa e da philosophia indiana". Em 1664 um missionario allemão, Heinrich Roth, tornou-se tão versado em sânskrito, que podia entrar em controversia com os brahmanes. Um missionario jesuita, que permaneceu na India de 1699 a 1792, foi o primeiro europeu que escreveu uma grammatica do sânskrito e compoz um dictionario malabar-sânskrito-portuguez. Outros, allemães e francezes, notaram analogias entre o sânskrito e outras linguas congeneres, e forneceram preciosas informações sobre a lingua, a litteratura, a religião, e a philosophia da India.

Finalmente, o Padre Coeurdoux, encarregado pelo sabio Barthélemy de redigir uma grammatica e um dictionario do sânskrito, em uma memoria lida em 1768, e só publicada quarenta annos depois, expõe a affinidade entre o sânskrito, o grego e o latim, e conclue pelo parentesco original dos indios, dos gregos e dos latinos. Em 1783 chegou á India o inglez Mr. William Jones, e perante a "Sociedade Asiatica de Calcuttá", por elle fundada, declarou, em 1786, que a lingua sânskrita era admiravel em sua estructura; mais perfeita que o grego, mais rica que o latim, mais melodiosa que ambas, e que a ellas se relacionava por uma tão grande analogia, tanto nas raizes dos verbos como nas fórmas grammaticaes, que nenhum philologo podia examinar essas trez linguas sem concluir que eram oriundas de uma fonte commum.

Deante desse novo mundo descoberto, na expressão de um illustre pensador, surgiu uma pleiade de illustres allemães, taes como Frederico e Guilherme Schlegel, Guilha-

me Humbolt, Jacob Grimm, Pott, Schleicher, Curtius e Benfey, que se applicaram aos estudos linguisticos e forneceram importantes subsidios para a explicação do phenomeno assignado por Coeurdoux e W. Jones.

A Francisco Bopp (1791-1867) porém, eminente philologo allemão, cabe a gloria de fundador da sciencia glottologica pela demonstração da unidade das linguas aryanas ou indo-europeas, effectuada em seu *Systema de Comparação* (1816), e em sua *Grammatica comparativa* (1833—1852).

A eschola boppiana dá a agglutinação como a origem das flexões. As linguas não se formam por um processo de germinação, mas por juxtaposição dos elementos.

Uma nova eschola de linguistas, porém, iniciada pelo prof. Leskien, de Leipsic, e seguida por Brugmann, Osthoff, Paulo e outros, e por alguns dos chamados *neogrammaticos*, ergue-se em opposição a muitas theorias da eschola de Bopp, dando proeminencia á alteração phonetica e á analogia na formação das linguas.

Evolvida dos estudos philologicos das literaturas classicas, a Glottologia tem de commum com a sua irmã primogenita, a Philologia, o estudo das linguas; mas ao passo que esse estudo é um *meio* para a Philologia, é um *fim* para a Glottologia.

Estabelecendo Schleicher, neste ponto, a differença entre uma e outra, compara a Glottologia com o botanico e a Philologia com o jardineiro. Applicam ambos a sua actividade ao mesmo jardim; porém o botanico tem um fim scientifico em vista, e o jardineiro um fim artistico e utilitario. Assim a Glottologia estuda as linguas com um mero fim scientifico, e toda lingua, tenha ou não documentos escriptos, cae dentro de suas pesquisas; emquanto a Philologia estuda as linguas com o fim practico de explicar e caracterizar os seus documentos literarios, e, portanto, só as linguas que possuem esses documentos podem ter philologia.

CAPITULO IV

GRAMMATICA

29. A **Grammatica** (gr. *grammatikê*, de *gramma* = letra) é um ramo importante da Glottologia e um subsidio indispensavel da Philologia. Em sua accepção generica, é ella a sciencia da palavra, que estuda em seus multiplos aspectos — em sua origem, formação, metamorphoses, sentido e relações.

30. Quatro são os aspectos fundamentaes do estudo da grammatica, que são: o geral e o particular, o historico e o expositivo: grammatica geral e particular, grammatica historica e expositiva.

31. *Grammatica geral* é a grammatica comparada, que estuda os factos linguisticos communs a todas as linguas ou a um grupo de linguas congeneres. Por isso, a Grammatica pôde ser geral em sentido *amplo* e em sentido *restricto*.

32. Grammatica geral em sentido *amplo* é a que tracta de questões pertinentes a todas as linguas. “Uma grammatica universal — escreve Giacomo di Gregorio, prof. da Universidade de Palermo — é tão inadmissivel como uma fórmula universal das constituições dos Estados, ou uma fórmula geral de plantas e animaes”. Entretanto, ha certas questões geraes, communs a todas as fórmulas da linguagem, que podem ser objecto de uma grammatica geral no sentido amplo, taes as formuladas por A. Coelho: “Ha artigos em todas as linguas? Ha verbos em todas as linguas? São as palavras formadas em todas as linguas por meio de raizes e suffixos?”

33. Grammatica geral em sentido *restricto* é a grammatica comparativa, que estuda os factos linguisticos communs a um grupo de linguas congeneres, tal como a “Grammatica das linguas romanicas” de Frederico Diez, a “Grammatica comparada” das linguas aryanas de F. Bopp.

34. *Grammatica particular* é a que tem por objecto de

seu estudo os factos de uma lingua em particular, ou em uma dada época, ou no decurso de sua historia.

35. *Grammatica historica* é a que estuda a origem e evolução de uma lingua no tempo e no espaço. O seu methodo é sempre o methodo *historico-comparativo*, versando a comparação das fórmulas grammaticaes, não só com as transformações parallelas das linguas affins, mas ainda com as transformações successivas da mesma lingua.

36. *Grammatica expositiva, descriptiva* ou *practica* é a que se limita a expor ou a descrever, para fins practicos, os factos da lingua na época actual.

37. CORRENTES E METHODOS HISTORICOS NO ESTUDO DA GRAMMATICA. Trez correntes tem, em geral, caracterizado o estudo da Grammatica, no decurso dos seculos: — a *physiologica*, a *philosophica* e a *historica*.

1.^a A corrente *physiologica* transparece na India em antiquissimos tempos. Ahi os velhos grammaticos do sâns-krito deram attenção á physiologia dos sons, e deixaram sensatas observações sobre a formação dos phonemas.

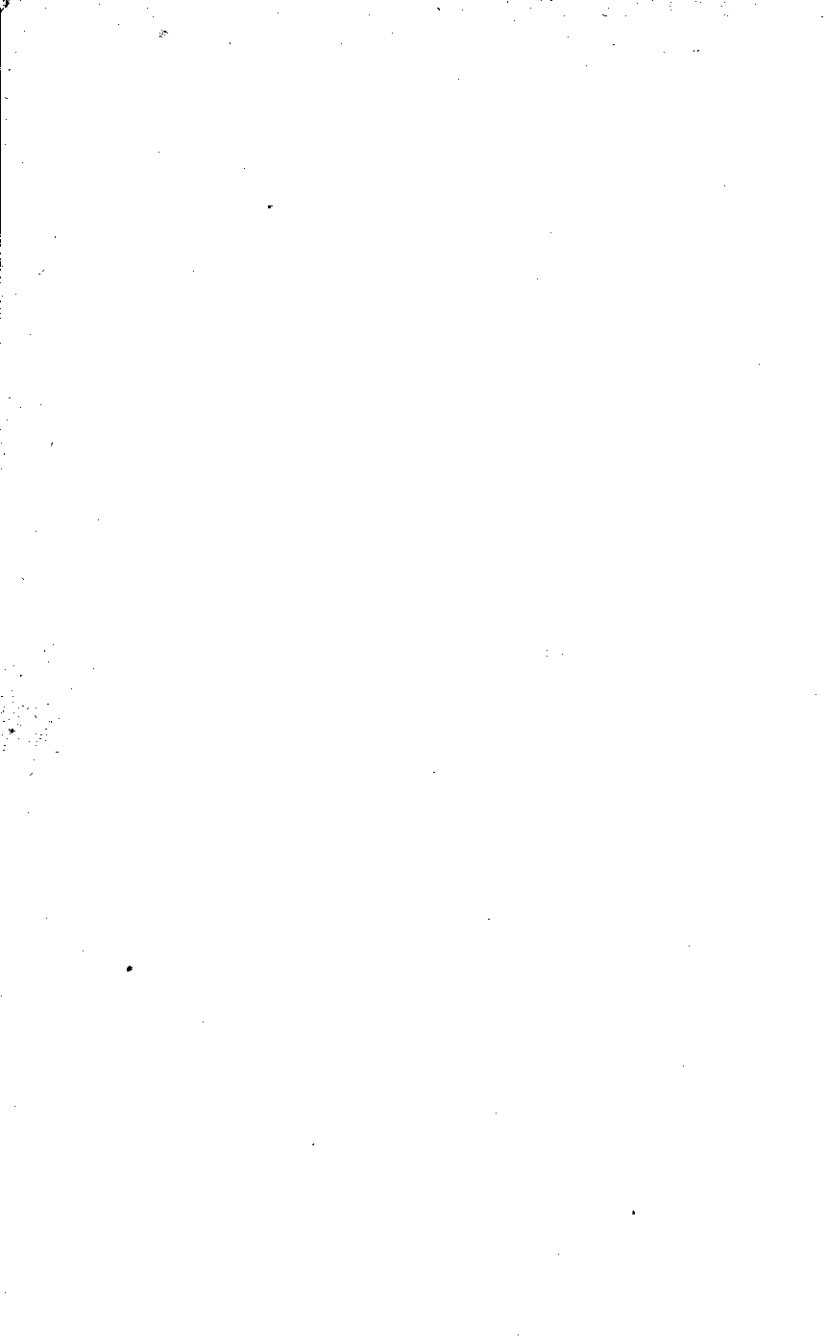
2.^a A corrente *philosophica* apparece entre os grammaticos gregos, latinos e medievaes. Tal orientação dominou exclusiva até o seculo passado, dando origem ás grammaticas philosophicas do sec. XVII e do sec. XVIII. Nesta corrente as theorias grammaticaes eram, em regra, subordinadas a concepções *à priori*, e de leis arbitrarías desciam os grammaticos a factos violentados ou imaginarios. Em vez de subirem da observação dos factos linguisticos á indução das leis glotticas, faziam da lingua apenas uma exteriorização da psychologia e da logica, desconhecendo, por completo, o genio da linguagem e a autonomia da grammatica. Devido ao predominio secular desta corrente e á intima relação que ha realmente entre a linguagem e o pensamento, ainda hoje vae larga a confusão da logica com a grammatica. "A linguagem tem a sua logica, escreve M. Bréal; mas é uma logica especial, de alguma sorte pro-

fissional, que não se confunde com aquella a que damos ordinariamente este nome”.

3.^a A corrente *historica* surgiu na primeira parte do seculo passado com os glottologos allemães.

Bacon e Descartes (sec. XVII) haviam aberto á sciencia uma nova éra, com a *observação* e *experimentação* do methodo inductivo. A Grammatica seguiu a nova rota. Já Leibnitz havia indicado esse caminho novo no estudo da linguagem. A necessidade de irem os glottologos buscar nos factos reaes das linguas os elementos da nova sciencia, veio abrir aos estudos grammaticaes uma orientação mais racional e fecunda. Deixou então a Grammatica de ser o leito de Procusto da lingua, para ser o repositorio dos factos observados e systematizados; e o grammatico deixou de ser o alchimista, que extrahia das retortas da Logica os factos da linguagem, para seguir a rota fecunda das sciencias naturaes, patenteada pelo methodo inductivo da moderna orientação scientifica. Em vez de partir do pensamento para os factos glotticos, segue hoje caminho mais racional, partindo destes para aquelle. A introdução da corrente *historica* nos estudos grammaticaes, levou os grammaticographos á observação e comparação dos factos da lingua em todos os seus aspectos, restaurando-se *destarte* os estudos dos antigos grammaticos da India sobre o *mechanismo physiologico* da linguagem.

A Grammatica hoje deve conter a *synthese* das tres correntes.



GRAMMATICA HISTORICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

38. **Grammatica historica** da lingua portugueza é o estudo da origem e evolução do portuguez no tempo e no espaço.

E como a lingua portugueza não é mais que a lingua latina transportada para a faixa occidental da Hispania pelos soldados e colonos romanos, e transformada no decorrer dos seculos, a Grammatica historica nos explana as circumstancias historicas e as leis dessa transformação lenta do latim na lingua vernacula.

39. O seu estudo divide-se naturalmente em trez partes, chamadas — *Phonologia*, *Morphologia* e *Syntaxe*.

40. Estas trez partes da *Grammatica* encerram os trez aspectos fundamentaes em que a palavra pôde ser estudada na expressão completa do pensamento.

41. Cada um desses aspectos pôde ser encarado em uma época determinada ou na successão das épocas. Dahi a distincção entre grammatica *expositiva* e grammatica *historica*. Esta estuda a lingua no *tempo*, isto é, nas épocas successivas de sua vida historica; aquella no *espaço*, na região ou regiões em que ella é actualmente fallada.

42. A Grammatica historica baseia-se na circumstancia de jamais se estacionar a lingua viva na bocca do povo, mas de soffrer continuamente alterações em todos os seus elementos, quer *lexeologicos*, quer *syntacticos*. A esta trans-

formação lenta e continua das linguas vivas dá-se o nome de *evolução historica* ou *metamorphismos* da linguagem.

43. A evolução de uma lingua não se opera arbitrariamente, a capricho das multidões, mas sob o imperio de leis glotticas, que, na inconsciencia popular, regem o destino das linguas.

44. A *Grammatica historica* do portuguez é a chave da *Grammatica expositiva*, pois naquella tem esta a razão de ser de suas regras. A *Grammatica expositiva* deve ser o registro fiel dos habitos da lingua e de sua boa tradição, a depositaria dos ultimos resultados de sua evolução espontanea, a expressão actual de sua vida secular e de seu genio historico.

CAPITULO I

PHONOLOGIA

45. **Phonologia** (gr. *phoné* = voz, *logos* = discurso, + suff.—*ia*) estuda a origem e evolução dos phonemas vogaes e consoantes, incorporados nos vocabulos da lingua. Ella expõe a theoria do *vocabulismo* e do *consoantismo*, estuda as modificações accidentaes do systema phonetico, effectuadas nos diversos periodos da lingua, sob o influxo de variadissimos factores mesologicos.

46. Os vocabulos latinos, transportados para a peninsula Iberica pelos legionarios, foram soffrendo na bocca do povo, como é natural, profundas modificações na pronuncia, isto é, continuas alterações nos seus sons ou phonemas, que se foram paulatinamente enfraquecendo e alguns obliterando, p. ex.: *ficatum* »»→ *figado*, *civita-tem* »»→ *cidade*, *digitum* »»→ *dedo*.

47. Estas alterações phoneticas, conjunctamente com a *analogia*, de que adeante tractaremos, foram os factores historicos, que metamorphosearam, no transcurso de dois mil annos, o latim popular em portuguez.

48 O estudo da Phonologia desdobra-se em duas partes, que são o estudo da evolução dos phonemas latinos, isto é, dos sons vogaes e consoantes, e o de sua representação graphica nos vocabulos: a primeira é a *Phonetica*, e a segunda é a *Orthographia*.

49. Antes de estudarmos essas duas partes da Phonologia, convem que lancemos rapido olhar sobre o systema de signaes graphicos com que tradicionalmente representamos os sons vocabulares, queremos fallar do Alphabeto.

CAPITULO II

A L P H A B E T O

50. Chama-se **Alphabeto** (gr. *alpha = a*, *beta = b*) um systema de signaes graphicos ou letras, que serve tradicionalmente para se figurarem os sons oraes ou phonemas da lingua.

51. A INVENÇÃO DO ALPHABETO.

Ignora-se quem tenha sido o inventor do Alphabeto. Entretanto, nenhuma outra invenção tem exercido maior influencia nos destinos da humanidade. Foi com certeza um momento feliz aquelle em que o bemfeitor anonymo da humanidade se lembrou de substituir os symbolos ideologicos das palavras pela figuração graphica dos sons oraes, de que se compõe a palavra fallada. A arte da representação graphica das palavras tem passado por quatro phases, segundo Burggraff,—a *figurativa*, a *symbolica*, a *ideographica* e a *phonetica*.

a) Na phase inicial *figurativa* os objectos eram desenhados ou pintados, e a figura suggeria o objecto e o seu nome.

b) Na phase *symbolica* a figura não só representava o objecto, mas ainda alguma qualidade inherente a elle; assim a figura do leão não suggeria só o animal, mas tambem symbolizava a *coragem*.

c) Na phase *ideologica* uma parte só da figura ou um signal convencional suscitava a *idéa* da coisa, taes como os signaes arithmeticos 1, 2, 3, V, X.

d) Na phase *phonetica* passava-se do signal da palavra para o signal do som, da representação ideographica para a representação phonographica. Foi um immenso progresso. Sobre quando e como se operou um tal phenomeno nada se sabe.

Foi no Egypto que isso se deu, segundo se crê, em épocas remotissimas. Dos egypcios receberam os phenicios o Alphabeto, os quaes, em suas largas navegações mercantis, pelo litoral do Mediterraneo, tiveram occasião de communicar aos gregos, e estes aos etruscos e aos latinos ou romanos.

52. MODIFICAÇÕES DO ALPHABETO.

Os gregos substituíram certas letras, representativas de phonemas phenicios, desnecessarios á sua phonação, pelas *vogaes*, que a lingua phenicia, por seu turno, dispensava, e dahi o virem as *vogaes* disseminadas pelo Alphabeto.

Os romanos, por sua vez, rejeitaram certos caracteres gregos, alheios a seu systema phonetico, que transcreviam por um *digramma*, nos vocabulos oriundos do grego. São elles os seguintes:

θ	(theta) = th	— epithetus	⇒⇒⇒→	epitheto
φ	(phi) = ph	— philosophia	⇒⇒⇒→	philosophia
χ	(chi) = ch	— eucharistia	⇒⇒⇒→	eucharistia
ψ	(psi) = ps	— psyche	⇒⇒⇒→	psyche

Tal é a origem dos chamados *grupos gregos*, que, como os escriptores latinos, guardamos nas palavras de origem grega como — *theatro*, *photographia*, *psychologia*, *chimera*.

Além dessas consoantes rejeitaram ainda os romanos duas vogaes longas do alphabeto grego: o η (*êta*), e o ω (*ômega*); o êta era o ê longo, e o ômega (o + mega = o grande) era o o longo. O alphabeto latino nos transmittiu apenas o e breve (gr. ε), que os gregos denominavam *epsilon*.